

Rubens de Azevedo

- Vós não seís um astrônomo, sois um poeta!

Foi com estas palavras que Urbano João José Leverrier, glória da Astronomia mundial, descobridor do planeta Netuno é, na época, diretor do Observatório de Paris, classificou o jovem Camille Flammarion, quando o encontrou, frente a uma estátua de Urânia, escrevendo um poema. Flammarion havia sido admitido do Observatório como aluno-astrônomo, ali permanecendo durante quatro anos, finde os quais, pelo motivo acima mencionado Leverrier lhe mostrou a porta da rua.

Sua acusação, injusta à primeira vista, é verdadeira no ponto em que considerou Flammarion um poeta. Poeta ele o foi durante toda a vida e é mesmo chamado de "O Poeta da Astronomia".

" Henri Poincaré, durante as comemorações do jubileu científico de Flammarion, declarou em seu discurso: " É verdade de que a Astronomia seja uma ciência rebarbativa, erigida de integrais terrificantes, um deserto árido, onde nossos olhos não encontram senão a secura e a desolação? É porventura certo que o trabalho do astrônomo seja ingrato e deprimente, consistindo na visão de uma estrela que atravessa um fio do retículo, na leitura de uma cifra sobre uma escala e a anotação de outra cifra num caderno de apontamentos - e que esse trabalho recomeça, sempre igual em sua monotonia, exasperante? Não, não para quem conhece Camille Flammarion. Para esse astrônomo, a Astronomia é outra coisa: ela baseia-se, é verdade, nas medidas, cálculos exaustivos que exigem longa paciência; mas os esforços são regamente pagos por aquilo que a Astronomia oferece: o espetáculo dos céus imensos e radiosos, harmoniosos e viventes. E, sobretudo, oferece a compreensão do equilíbrio universal, a possibilidade de estender o pensamento até o infinito".

Poincaré tem razão. A Astronomia, longe de ser uma ciência árida e inacessível, é uma paisagem anena. Os primeiros astrônomos, aqueles pastores da Mesopotâmia, que criaram as constelações e descobriram os primeiros segredos do céu não se consideravam astrônomos nem cientistas. E nem tinham como ciência o resultado dos seus devaneios.

Camille Flammarion nasceu a 26 de fevereiro de 1842, em Montigny-le-Roy, no Alto Marne, filho de camponeses que faziam parte da pequena burguesia agrícola da região. Tinha 3 irmãos, duas moças e um rapaz, Ernesto, que foi, posteriormente, o seu principal editor.

Em sua autobiografia, declara Flammarion que sua primeira lembrança, sua mais remota lembrança era astronômica. Aos cinco anos de idade foi fortemente impressionado pelo espetáculo de um eclipse total. Desde então o céu o atraiu. Aos onze anos, observou o cometa de 1853, do qual fez um desenho que reproduziu, mais tarde, em sua ASTRONOMIA POPULAR.

Ao mesmo tempo em que se apaixonava pelo céu, tomava-se de amor pela Terra e pela Vida. Sua longa existência foi sempre um cântico de louvor à Natureza - as flores, os pássaros, as árvores, os animais, tudo o encantava e o fazia vibrar de emoção. Muitos o julgaram efeminado e até covarde porque era pacifista - não bebia álcool, não fumava, não suportava a efusão de sangue, não gostava de lutas nem de competições. Declara ele em sua autobiografia: " Em campo algum a luta me atrai, pois a vida me parece muito curta e muito interessante para que percamos tempo em discussões, guerras ou competições. Não pertencço à categoria dos homens que andam à cata do perigo, ao mesmo tempo que não os admiro".

Não obstante, foi, talvez, o mais corajoso escritor do seu tempo: em suas obras, criticou os governos, as guerras, o militarismo internacional, o colonialismo, o racismo; desprezou honrarias e nunca se utilizou da bajulação para conseguir seus objetivos. Sugerida a sua candidatura à Academia Francesa, onde teria sido aceito pela quase totalidade dos seus membros, declarou: " Não tenho tempo para perder em visitas protocolares. Prefiro trabalhar".

Um fato curioso deu origem à publicação do seu primeiro livro intitulado "Viagem Extática às Regiões Lunares". Não tinha o jovem astrônomo de 19 anos nenhum propósito de publicar coisa alguma, escrevia para si mesmo. Encarregado pela direção do Observatório de Paris de fazer a revisão das provas dos Anais, esqueceu, no envelope que voltara à tipografia, algumas páginas manuscritas. No dia seguinte, recebeu a visita de M. Maileul, o editor, que lhe propôs publicar o livro, iniciando uma pequena biblioteca científica e filosófica. Eis Flammarion, pouco tempo depois, autor de um livro que, se não foi um "best-seller", pelo menos não deu prejuízo ao editor. Nesse livro, Flammarion já declarava a sua crença na habitabilidade de outros planetas. Le Verrier tomou essas declarações do jovem como uma afronta pessoal, uma vez que ele não acreditava nisso. Declarou que se tratava de "uma idéia medíocre e de pura fantasia, indigna de atenção". Estava, assim, aberto um fosso entre o jovem astrônomo e o todo-poderoso dono da Astronomia na França. Declara Flammarion: " Fiquei durante muito tempo numa situação precária, tendo apenas por amigos... os inimigos do fogoso ditador".

Sua obra mais conhecida, "A Pluralidade dos Mundos Habitados", foi publicada pouco tempo depois. O livro obteve rumoroso sucesso e foi elogiado pela crítica. Victor Hugo escreveu-lhe: " Penso como vós. As matérias e assuntos que tratais são a perpétua obsessão do meu pensamento e o exílio não fez mais do que alimentar em mim esta meditação e me colocou entre dois infinitos - o Céu e o Mar. Sinto-me em estreita afinidade com os espíritos como o vosso. Vossos estudos são os meus. Sim, acreditamos no Infinito, que é o verdadeiro emprego das asas da alma".

A partir da segunda edição o livro foi traduzido para o alemão, o inglês, o espanhol, o português, o italiano, o russo, o dinamarquês, o sueco, o polonês, o checo, o árabe e até mesmo o chinês. Era a consagração mundial. O próprio imperador, Na

poleão III entusiasmou-se com o livro e foi sugerida pelos cortesãos uma apresentação do jovem sábio à cõrte. Flammarion, republicano convicto, não demonstrou nenhum interesse pelo assunto, embora fosse espicaçado por um periódico clerical e vários representantes da nobreza e por vários representantes da nobreza.

FLAMMARION E A ASTRONOMIA | No domínio da Astronomia teórica e prática, prestou Flammarion significativa contribuição. Descobriu, em 1896, o chamado "Ciclo de Flammarion", um período de 54 anos durante o qual se repetem nas mesmas regiões da Terra, os eclipses do Sol; estabeleceu uma lei sobre o movimento dos satélites; realizou cartas e globos de Marte, da Lua e do céu. Nunca fez trabalho de rotina em astronomia, o que levou a ciência ortodoxa a considerá-lo mais um poeta ou escritor do que um astrônomo. Mas Flammarion já mais se preocupou com isso. Nem ao menos tinha tempo para pensar em academias e prêmios. Seu intuito era trazer ao homem do povo um pouco do seu conhecimento das maravilhas do céu. Qual novo Prometeu, inimizou-se com os deuses do Olimpo científico porque preferiu trazer ao homem comum a luz do conhecimento, até aquele momento guardada para uso de uma classe privilegiada, uma classe sacerdotal de cientistas enclausurados em torres de marfim.

Sua pena infatigável despejou sobre o mundo uma torrente de obras de grande alcance científico, poético e filosófico.

Durante toda a vida, Flammarion foi um autodidata puro e seu espírito inquieto nunca lhe permitiu submeter-se às regras da "ciência oficial". Era um heterodoxo, o que lhe granjeou boa quantidade de inimigos nas fileiras dos astrônomos profissionais. Mas a compensação logo veio: era idolatrado por milhões de pessoas em todo o mundo. Respondias às cartas que lhe escreviam, nunca deixando de elucidar uma questão proposta. Uma de suas admiradoras mandou-lhe, por testamento, a pele de suas próprias costas, a qual deveria ser usada para a encadernação d'"A Pluralidade dos Mundos Habitados". Comovido, o sábio atendeu ao desejo de sua admiradora morta.

Apesar do reconhecimento mundial do seu gênio, Flammarion jamais se envaideceu. Numa entrevista a Alexandre Sux, em 17 de julho de 1922, quando se comemorava em toda a França o seu jubileu científico, declarou: " Não sou um sábio. Tão pouco me considero um astrônomo. Sou uma espécie de Júlio Verne sem imaginação e sem o dom das previsões. Sou, isso sim, um divulgador honrado, um popularizador desta magnífica e misteriosa ciência que se chama Astronomia. Sei o que valho - nada, absolutamente nada. Que mérito podem ter as minhas opiniões? Conheço o enorme de minha ignorância e ignoro quanto há para aprender. Gosto do céu, eis tudo. Desde criança, foi ele a minha grande paixão. Enquanto as vacas de meu pai pastavam, eu olhava para o céu. Platão disse que o amor é um impulso até o Infinito; por que, então, se acredita que os sábios são egoístas? Os sábios que realmente o são, não porque saibam muito, mas porque sabem que não sabem nada, são

os amantes da Verdade, religião da Ciência, que não procura outros bens senão o que nos oferece a satisfação de saber-se trabalhando para aproximar de Deus os micróbios humanos. Eu sou, simplesmente, o "muezzin" que convoca, do alto do seu minarete corcado por um grande telescópio, as multidões incapazes de acreditar que no meu templo se adora ao grande Arquiteto".

Flammarion não foi o primeiro a acreditar na vida fora da Terra; por essa afirmação, Giordano Bruno foi queimado vivo pela inquisição romana em 1600. Outros tinham a mesma crença, entre eles Cyrano de Bergerac, Voltaire, Fenelon, Fontenelle. Não obstante, foi Flammarion o primeiro a discutir o assunto dentro do ponto de vista rigorosamente científico e aduzir argumentos irresponsáveis, o que deu à doutrina da pluralidade vital o caráter de hipótese científica. Atualmente, na França, na Rússia, nos Estados Unidos, na Inglaterra e outras nações, muitos cosmobiologistas admitem e até garantem a existência da vida fora da Terra. Essa idéia, que parecia estúpida, absurda e impertinente para a ciência oficial ao tempo de Leverrier, é hoje motivo de congressos e seminários internacionais.

FLAMMARION E O AMOR | Fora da Ciência, Flammarion amou as artes - principalmente a música, dedicando-se a ela ao ponto de o grande Saint-Saens declarar um dia que "o astrônomo estava a lhe fazer concorrência"...

O sábio de Juvisy amou, também, as mulheres. Duas delas representam os pólos amorosos de sua vida: Sílvia Hugo, sobrinha de Victor Hugo, e Gabrielle Renaudot. Conheceu Sílvia quando contava quinze anos de idade e ela vinte e seis. Era esposa de um médico setuagenário, amador de Astronomia, que convidou Flammarion a visitar sua casa, oferecendo-lhe, ao fim, um aposento. O jovem apaixonou-se pela mulher de seu anfitrião. Nada ousou, até que ela, também apaixonada, exigiu que esse amor fosse proclamado. Flammarion concordou, exigindo, porém, que ela abandonasse o marido para viver ao seu lado. Ela aceitou. Essa união foi legalizada, afinal, algum tempo depois da morte do médico. A viagem de núpcias foi realizada num balão. Flammarion era um apaixonado pelos balões aerostáticos, tendo realizado denezas de grandes vôos.

A viagem aerostática tinha para ele grande valor científico - durante elas realizava estudos meteorológicos que constituem o seu monumental compêndio de Meteorologia - A Atmosfera.

Sílvia era sexagenária quando Flammarion atingia a casa dos cinquenta anos. Ainda jovem, belo, insinuante, vivia rodeado de admiradoras, ocasionando crises de ciúmes da esposa - não destituídas de motivo, pois o astrônomo/poeta tinha os olhos bem abertos para a beleza. E, um dia, surgiu Gabrielle Renaudot, jovem estudante apaixonada pela Astronomia - e talvez ainda mais pelo professor astrônomo. Tornou-se secretária de Flammarion. Após a morte de Sílvia, em 1916, Flammarion casou-se com Gabrielle, que o acompanhou até os últimos momentos como esposa e colaboradora. Após a morte do marido, ela continuou no Observatório de Juvisy, trabalhando ativamente, acabando por deixar à Astronomia formidável colaboração. Foi, durante muitos anos, secretária da Associação Astronômica de França, criada por Flammarion.

FLAMMARION E A METAPSÍQUICA | Ponto dos mais delicados para o biógrafo de Flammarion é a fase de sua vida em que ele abraça a Metapsíquica. Foi o sábio vítima de seus colegas devido à sua posição inequívoca em favor dos fenômenos chamados "supra-normais" - hoje objeto da Parapsicologia. A sua atitude representa mais uma prova de sua coragem e firmeza de propósitos. Numa época em que era de bom-tom ser-se materialista e ateu (havia, em Paris, uma "Société Athéene"), Flammarion pregava desasombrosamente o seu espiritualismo. Pregava-o e o praticava, tentando dar ao espiritismo um método científico de pesquisa. Declarou ele: " O Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual conhecemos apenas o a b c. O tempo dos dogmas já passou. A Natureza abraça o Universo e Deus, que até foi feito à imagem do homem, não pode ser considerado pela moderna metapsíquica senão como um espírito dentro da Natureza. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas pelo intermédio dos médiuns são de ordem natural e devem ser submetidas severamente ao controle da experiência. Não há milagres. Assistimos à aurora de uma ciência desconhecida".

Flammarion foi anti-materialista por princípio. A reflexão fez-lhe, porém, repudiar todas as religiões e mesmo combatê-las. Mas ele necessitava de uma fé.

" O homem - diz ele - conduz ex sua natureza uma imperiosa necessidade de se entregar a uma convicção, particularmente do ponto de vista da existência de um "ordenador" do mundo e do destino dos seres; se nenhuma fé o satisfaz, ele necessita demonstrar que Deus não existe e procura o repouso de sua alma no ateísmo".

A MORTE | Foi no dia 3 de março de 1925 que Flammarion deixou este mundo. Levantou-se da mesa em que trabalhava com o sobrinho Charles e aproximou-se da janela para contemplar o jardim do Observatório. Gabrielle acompanhou-o e ele, sentindo a sua presença, murmurou, balançando a cabeça encanecida: " Como é belo o mundo! Como é bela a Vida!" Depois voltou-se e olhou-a carinhosamente.

De repente, seu rosto crispou-se e ele disse apenas: "Meu coração...". Tombou morto nos braços da esposa.

Poucos minutos antes, corrigira as provas de seu último livro: " A Morte e seu Mistério" .
